

O JOGADOR

FIÓDOR
DOSTOIÉVSKI



Veríssimo

Fiódor Dostoiévski

O JOGADOR

Tradução e prefácio de Costa Neves

Veríssimo



PREFÁCIO

O francês Louis Blanc, fundador do jogo organizado da roleta, com a proibição de continuar a explorar os seus cassinos em Paris, lançou as vistas para a Alemanha e montou quatro famosas casas de jogo nas cidades de Homburg, Wiesbaden, Baden-Baden e Bad Ems. Sabe-se que esse famigerado Louis Blanc, com a enorme influência de que dispunha (é curioso, os batoteiros do mundo inteiro sempre usufruem de enorme influência...), conseguiu manter o jogo nessas cidades germânicas até 1868, contra a opinião de toda gente decente, e quando já nenhuma cidade na Europa possuía uma só casa sequer de jogos de azar. Mas naquele ano uma lei federal, não obstante o prestígio formidável de Louis Blanc e seus asseclas, foi votada, e a tabulagem foi interdita no território alemão. Foi só em 1872 que esse francês terrível, mestre de vários patrocínios nossos em seus métodos e processos, com o apoio do príncipe Carlos de Mônaco, fundou seu novo cassino, o mais famoso de quantos existiram, na cidade de Monte Carlo.

Antes, porém, de funcionar esse último, era para as cidades alemãs que convergiam os olhares de todos aqueles que, ou por ânsia de ganhar, ou por vontade de sensações violentas, viam no jogo um derivativo à vida rotineira. Os russos, sobretudo, tornaram-se frequentadores assíduos daquelas estações chamadas balneárias, mas onde o que menos se fazia era precisamente tomar os tão recomendados banhos de saúde. Ao contrário, muitos que para aqueles centros se encaminhavam, são de espírito e rijos de corpo, deles saíam com taras nervosas, física e moralmente abatidos, para não falar nos que por lá ficavam em definitivo, com alguns palmos de terra por cima, vítimas de um acesso de desespero.

Também Dostoiévski deixou-se encantar pelos sortilégios do pano verde. Esse homem sem meias medidas, martirizado a vida toda por preocupações materiais e atribulações de espírito as mais tremendas, já com uma acentuada queda para o jogo (sabemos que ainda em tempos de moço perdia somas avantajadas no bilhar e nos dominós), quis tentar a sua libertação na roleta. Desde que voltara da “Casa dos Mortos”, trazendo a mulher, a tísica e louca viúva Maria de Constant, e um filho desta, Paulo, e sofrendo barbaramente

com a sua epilepsia, tornou-se o pensamento obsedante do escritor “fugir para a Europa Ocidental”. Eram-lhe necessários rumos novos, novas sensações. E mais do que tudo, era-lhe imprescindível dinheiro. Os primeiros romances (*Os demônios*, *Niétotchka Niezvânova*, *Humilhados e ofendidos*, as célebres *Recordações da casa dos mortos*) e grande número de artigos tinham-lhe rendido algum dinheiro, mas tantas eram as despesas, que as dívidas se acumulavam, mau grado seu. Assim, em 7 de junho de 1862, deixou a Rússia, sozinho e com algum dinheiro recebido como adiantamento pelos seus próximos romances.

Nessa primeira viagem ao estrangeiro, Dostoiévski intercala visitas às grandes cidades de França, Inglaterra, Itália, Suíça e Alemanha com algumas fugas aos cassinos alemães. Foi em Wiesbaden sua primeira experiência. Essa cidade ficava no caminho para Paris. Ora, seria ótimo, com alguns golpes felizes, decuplicar, centuplicar o dinheiro que levava consigo. Saltou do trem e foi direto ao salão de jogo. Como nos conta Fülöp-Miller: “Possuído pelo sonho que nele se inoculava na Rússia, ele caminha como um sonâmbulo e afronta pela primeira vez o tapete verde com uma confiança quase mística, persuadido de que vai ganhar pelo menos cem mil francos. Arrisca uma pequena soma e ganha; arrisca de novo e torna a ganhar; o fato se repete diversas vezes seguidas; parece, portanto, que o sonho está em vias de realização. Então, na exaltação da vitória, joga num só lance todo o lucro e mais o que trazia em dinheiro. Ganha dez mil e quatrocentos francos. Ei-lo com recursos bastantes para socorrer as necessidades da mulher e de seu irmão, Miguel. De posse do tesouro, corre ao hotel, comprando, de passagem, um bilhete de estrada de ferro. Chegando ao hotel, mete o dinheiro na maleta e fecha-a com cuidado. Mas eis que nele se ergue de novo o sonho da “grande oportunidade”, dos cem mil francos. Rápido como o raio, abre a maleta, retira todo o dinheiro e lança-se para a casa de jogo no intuito de “desafiar a sorte”.

Mas, como a sorte se mostrasse infiel, o escritor (ainda era novato na arte) deteve-se, ainda guardou consigo metade do ganho e prosseguiu viagem para a capital francesa.

Em 2 de setembro, escreveu de Paris a uma cunhada, narrando-lhe os sucessos que transcrevemos acima, terminando assim:

Não perdi, ganhei. Ganhei menos do que pretendia, não cem mil francos, mas uma pequena importância. (Atenção: não passe isso adiante, Várvara Dmitrievna. Na verdade, seria difícil para você espalhar o fato, porque você não vê ninguém; mas é em Pasha¹ que eu penso. Ele é ainda tão ingênuo, que seria capaz de imaginar que a gente pode basear a existência no jogo. Ainda outro dia meteu-se-lhe na cabeça fazer-se caixeiro para ganhar a vida. Assim, declarou-me ele: “Não precisarei estudar”. Veja, portanto, que é prejudicial fazê-lo saber que o seu papai frequenta casas de jogo. Por isso, tenha o maior cuidado para que ele de nada saiba).

Durante quatro dias observei as mesas de perto. Havia ali centenas de jogadores, mas, palavra de honra, só duas pessoas sabiam jogar! Eram uma francesa e um lorde inglês. Entendiam do jogo e nunca perdiam, pouco faltando para fazerem rebentar a banca. Peço-lhe, não creia que eu estivesse radiante de alegria porque acabava de ganhar em vez de perder ou que eu me julgue grande conhecedor do segredo do jogo. Este segredo, aliás, bem o sei, é o que há de mais simples e estúpido. É preciso unicamente domínio sobre si mesmo e, sejam quais forem as peripécias do jogo, evitar o entusiasmo excessivo. Eis tudo. Essa regra impedirá você de perder, fazendo-lhe necessariamente ganhar...

Essa curiosa missiva continua por aí afora. É o primeiro documento existente da incrível paixão que, por dez anos a fio, sem tréguas nem piedade, arrastou o genial criador de *Crime e castigo* por um mundo monstruoso de humilhações, torturas e miséria, mas que, também, somada à trágica moléstia, que nunca o abandonou, foi-lhe uma fonte de inspiração, um estimulante miraculoso que tocou as fibras ultrassensíveis de seu excepcional temperamento artístico, dando em resultado o mais admirável conjunto de obras literárias que se obteve, em todos os tempos, de um cérebro humano. Porque com os gênios acontece isto: o que aos fracos e medíocres abate e os leva aos atos de irremediável desespero, a eles serve de inspiração e de escudo, de força e de poder criador.



¹ Diminutivo de Pavel – seu enteado Paulo.

Após essa primeira viagem, Fiódor Mikháilovitch voltou à cabeceira da mulher doente e deu-se à redação de suas impressões de viagem. Mas em 1863, no mês de agosto, veio-lhe com mais força o desejo de “rever de perto a outra Europa. Mas seria um simples pretexto, pois da Europa, tirando a sua santa Rússia”, ele estava farto. Na realidade, perseguia-o a tentação do jogo e o encontro com uma mulher intimamente ligada ao escritor, Paulina Suslova, formosa e pálida, de traços um tanto rústicos e olhar duro e altivo, “parecida com Catarina de Médici”, como mais tarde diria dela Rozanov, seu futuro marido.

Sobre essa Paulina Suslova muito teríamos que falar. Talvez tenha sido a criatura feminina que mais exerceu influência literária sobre Dostoiévski. Niilista, inconsequente, voluntariosa, ela fascinara o escritor numa reunião artística em benefício dos estudantes pobres. Do primeiro contato, nasce aos poucos uma intimidade crescente, que vai terminar num caso de amor. Fiódor vê em casa a pobre mulher prostrada e moribunda, por quem sente uma compaixão além de qualquer medida e quer reagir à paixão. Mas Paulina não o larga, tenta-o, devora-lhe a alma com a avidez de uma fera-fêmea. E diz Troyat: “A tentação dessa carne fresca, desse espírito novo, é demasiado forte. Ele cede com a consciência atroz de seu crime”.

Ela, porém, é que nunca perdoa ao sedutor quarentão. Contava achar as luzes divinas do sublime pensador, e só obteve os beijos lúbricos do homem do subsolo. A vida toda levou no embate cruel — procurava-o, evitava-o, maltratava-o para cair aos seus pés em seguida, dava-lhe as costas com um sorriso de escárnio e corria nas horas de aflição a abrigar-se em seu peito com as faces banhadas de lágrimas. Em suma: Paulina foi uma histérica, e mais uma vez vamos dar a palavra ao marido, quem melhor a conheceu: “Sem o menor constrangimento ela cometeria um crime, mataria alguém; com a maior naturalidade teria atirado de sua janela contra os huguenotes na noite de S. Bartolomeu. Em geral, Suslova era majestosa. Conheço muita gente que ficou definitivamente seduzida, dominada por ela”.

Foi essa mulher que inspirou Dostoiévski a criar alguns de seus principais tipos femininos e se tornou a figura central de *O jogador*.



Então, iniciaram ambos, o escritor e Paulina, uma série de peregrinações pelos salões de jogo da Alemanha, de que nos fala com detalhes a filha de Dostoiévski, Aimée Feodórovna, em seu livro de memórias. No decorrer dessas viagens com Paulina, o autor teve o cuidado de anotar todos os incidentes e as experiências adquiridas à beira da mesa de roleta. Durante três anos, em Wiesbaden, Baden-Baden e Homburg, acumulou notas e pormenores, e surgiu-lhe a ideia de transformar tudo isso num romance, que não seria tão somente a pintura de um homem cego pela paixão do jogo, mas também uma poderosa justificativa — psicológica e artística — do vício de que ele próprio era escravo. “O que Dostoiévski especialmente pretendia provar é que o jogador se acha, como o artista, em relações profundas com os azares de um destino cego e que, por consequência, sendo o sujeitar-se ao risco um gesto de ousadia e despeito do que há de baixo e vulgar no jogo, o jogador conserva sua nobreza de homem e de modo algum merece o desprezo.” Essa explicação, de autoria de Frederico Ekstein, um grande dostoiévskiano alemão, é a chave para uma boa compreensão do romance que começava a delinear-se no cérebro do escritor.

Como, de outra feita, descrevera os horrores do degredo na Sibéria, sentia agora necessidade de narrar essa outra espécie de horrores, sentindo flagrante analogia entre a “*Casa dos mortos* e os salões dourados e feéricos dos cassinos alemães”. Vivera nesses dois infernos, sentira em ambos o infinitamente triste das contingências humanas e, tal qual procedera com as *Recordações*, faria agora com *O jogador*: não imaginaria tipos, limitar-se-ia a buscá-los na realidade; não inventaria situações, mas descreveria os quadros pungentes que se desdobravam dia e noite aos seus olhos. Otimista quanto à acolhida de seu próximo romance, é o próprio autor quem fala, numa carta a seu amigo Strakhov: “Minha *Casa dos mortos* despertou um grande interesse no público, porque pinto aí o exílio como ninguém antes de mim poderia tê-lo feito. Esta nova narrativa, que será uma pintura fiel e detalhada do jogo da roleta, não poderá deixar de despertar um interesse ainda maior. Sem contar que narrações dessa natureza são sempre bem recebidas por nossa gente, há ainda o fato de se passarem as cenas numa cidade balneária estrangeira, e o personagem ser um russo residente no estrangeiro. Tal detalhe tem importância, secundária, é verdade, porém real”.

No entanto, só em fins de 1866 é que Dostoiévski se entregou à confecção do romance. Fora um ano trágico para o escritor. Perdera, com dife-

rença de meses, a mulher e o irmão querido. As dívidas não lhe davam tréguas, todos os editores queriam as obras pelas quais já lhe haviam adiantado tanto dinheiro. E dentre esses, Stellovski causava-lhe as maiores preocupações. Fora a esse livreiro que ele havia vendido os direitos de *O jogador*, assinando um contrato que era a coisa mais absurda deste mundo. Dizia uma das cláusulas que, se até 1º de novembro, o mais tardar, não fosse entregue o novo romance que devia contar pelo menos dez folhas de impressão², ele seria condenado a uma multa, e todas as suas obras anteriores se tornariam, sem compensação, propriedade de Stellovski.

Ora, estávamos em outubro, o escritor via-se a braços com outro trabalho também urgente, e a data fatal parecia aproximar-se rapidamente. À vista de semelhantes eventualidades, Dostoiévski enervava-se e não sabia o que fazer, quando um amigo veio em seu auxílio. Por que não recorria à estenografia? Já se difundia na Rússia esse novo processo rápido de se escrever. Ele poderia ditar, uma estenógrafa colheria suas palavras, e em poucos dias haveria de ter pronto o romance. O escritor achou formidável a ideia do amigo, e saíram à procura do professor Oliochine, que lhes recomendou sua melhor aluna: Anna Grigórievna Snitkina.

Anna era uma jovem de vinte anos, de excelente família, bonita e inteligente, que estava terminando o curso no Liceu Maria com notas ótimas. Havia anos que conhecia o escritor por suas obras publicadas e tinha por ele o maior dos entusiasmos. A notícia encheu-a de júbilo. Era ouro sobre azul. Assim, no dia 4 de outubro, apresentou-se em casa de Dostoiévski e sem demora atiraram-se ao trabalho. Antes de expirar o prazo, o livro estava pronto. Contudo, no momento em que o autor quis entregar ao editor o romance que terminara à custa de tamanhos sacrifícios, surgiu uma dificuldade criada pelo próprio Stellovski, com o inescrupuloso intuito de extorquir do escritor a propriedade literária de todas as suas obras. Stellovski havia desaparecido como por milagre. Dostoiévski, pego de surpresa, ficou desesperado. Mas sua dedicada secretária resolveu sabiamente o delicado caso. Aconselhou-o a ir ao comissário de polícia e entregar-lhe os manuscritos, pedindo um recibo em que se declarassem o dia e a hora da entrega. Assim foi feito, e de nada valeu a artimanha do cínico editor.

² Cento e sessenta páginas de $\frac{1}{8}$ ou trezentas e vinte de $\frac{1}{16}$.

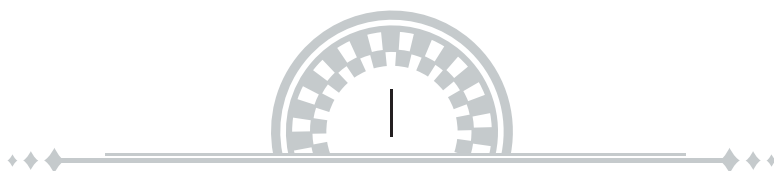
Aqui temos, pois, a concepção, a gênese e o nascimento de *O jogador*, obra senão das melhores e das que mais acreditaram Dostoiévski, pelo menos uma das mais curiosas e que mais parcelas autobiográficas encerram. No entanto, há ainda uma nota cheia de interesse a acrescentar-se à história deste romance. No curso das compridas horas de labor cotidiano, Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski foi se deixando dominar pela encantadora beleza dessa moça simples e prendada, e, num daqueles impulsos tão comuns no escritor, pediu-a em casamento. Não precisaríamos dizer que o pedido foi recebido com verdadeiro alvoroço: a jovem Anna Grigórievna nada de melhor queria em sua vida, e assim, em 15 de fevereiro de 1867, casavam-se um homem de quarenta e seis anos, avelhantado e doente, e uma jovem de vinte e um incompletos, viva e inteligente, que foi esposa, secretária, editora e conselheira do maior romancista do mundo.

COSTA NEVES

Rio, 28 de janeiro de 1944.



O JOGADOR



A té que enfim, voltei, após duas semanas de ausência. Havia três dias que nossa gente já estava instalada em Roulettenburg. Eu acreditava que me esperassem como quem espera o Messias, porém me enganei redondamente. O general, que tinha um ar desenvolto e independente, olhou-me com altivez e me ordenou que fosse falar com sua irmã. Era claro que haviam obtido dinheiro em algum lugar. E não sei por que desconfiei que o general evitava o meu olhar. Maria Filipóvna, atarefadíssima, falou-me às pressas; contudo tomou o dinheiro, conferiu-o e ouviu o meu relatório do início ao fim. Para o jantar, esperavam Mezentsov, o francesinho e um inglês. Como sempre fizeram, na qualidade de bons moscovitas, quando tinham algum dinheiro davam jantares pomposos. Assim que me viu, Paulina Alexandrovna me perguntou por que razão eu havia demorado tanto e, sem aguardar resposta, retirou-se. Dava para ver que ela agia movida por alguma prevenção. No entanto, cumpria-me dar-lhe uma explicação. Precisava desabafar com ela.

Indicaram-me um pequeno cômodo no quinto andar. Sabe-se, no hotel, que eu pertencço “à comitiva do general”. Tudo leva a crer que o bando conseguiu o que mais almejava: tornar-se notado de todos. Toda a gente vê o general como um importante senhor russo, riquíssimo. Antes do jantar, entre outras incumbências, ele me encarregou de trocar duas notas de mil francos. Troquei-as no escritório do hotel. Agora irão nos julgar milionários, pelo menos durante oito dias. Quis levar Miguel e Nadia a um passeio e já estava na escada quando o general mandou me chamar; ele achou conveniente indagar-me aonde eu pretendia levar as crianças. Com certeza,

esse homem não pode me encarar: bem que o tem querido, mas a cada tentativa, fito-o com tanta insistência, isto é, com tanto desrespeito, que ele parece perder toda a pose. Com as suas frases empoladas, sinuosas, cujo fio acaba sempre por lhe fugir, deu-me a entender que nosso passeio devia ser no parque, o mais longe possível do cassino. Afinal, aborreceu-se e me declarou bruscamente:

— Pois você é bem capaz de carregar os meninos para a roleta, se eu me descuidar um pouco. Desculpe-me — acrescentou ele —, mas sei como você é leviano e inteiramente incapaz de reagir à tentação do jogo. Em todo caso, como não sou nem desejo ser seu tutor, creio ter o direito de desejar... hum... sim, de desejar que não me comprometa...

— O senhor se esquece — respondi com a maior tranquilidade — de que não tenho dinheiro e que, portanto, não posso perdê-lo em um jogo.

— Mas você vai tê-lo — replicou o general, um pouco confuso.

Abriu a escrivania, consultou o livro de contas e viu que me devia cento e vinte rublos.

— Como vamos fazer? — indagou-me. — Eu preciso convertê-los a tálers... Ah! Bem, eis cem tálers por enquanto, e não se preocupe, pois há de receber o resto.

Recebi o dinheiro sem abrir a boca.

— Não se aborreça com as palavras que acabei de lhe dizer. Você é tão suscetível... Se lhe fiz aquela observação foi porque... hum... zelo pelo seu bem, e creio ter o direito...

Quando voltei com os meninos, antes do jantar, deparei com uma pomposa cavalgada.

Nossa gente tinha ido visitar umas ruínas célebres quaisquer. Duas carroças esplêndidas e cavalos magníficos! Mademoiselle Blanche ia numa das carruagens com Maria Filipóvna e Paulina; o francesinho, o inglês e o nosso general acompanhavam-nas a cavalo. Os transeuntes paravam para contemplar o cortejo. Obtivera-se o efeito desejado; mas eu queria ver como é que o general iria se arranjar. Segundo meus cálculos, ele devia possuir no momento os quatro mil francos trazidos por mim, os quais, somados aos que pudera obter emprestados, deviam subir a sete ou oito mil: ora, isso era pouquíssimo para Mademoiselle Blanche.

Mademoiselle Blanche desceu também à porta do nosso hotel: ela e sua mãe estão hospedadas aqui. O nosso francesinho também. Os criados costumam chamá-lo de Monsieur le Comte. A mãe de Mademoiselle Blanche quer que a chamem de Madame la Comtesse. Talvez eles realmente fossem “conde” e “condessa”.

Tinha minhas dúvidas sobre se Monsieur le Comte me reconheceria ou não, à hora do jantar. Certamente o general nem de leve pensou em nos apresentar ou, pelo menos, citar-lhe o meu nome; e Monsieur le Comte, que morou na Rússia, sabe que personagem insignificante é um *utchtitel*,¹ como lá costumam nos chamar. Aliás, ele me conhece muitíssimo bem. Para falar a verdade, eu não era esperado para o jantar; creio que o general havia se esquecido de dar suas ordens nesse sentido, mas sua intenção era mandar-me comer em outra mesa. O fato é que me apresentei por minha conta e risco ao banquete, o que me valeu um olhar descontente do general. A bondosa Maria Filipóvna na mesma hora indicou o meu lugar; Mister Astley, porém, ajudou-me a sair dessa desagradável situação e, a despeito do general, de Monsieur le Comte e de Madame la Comtesse, consegui tomar parte na reunião.

Esse inglês é um tipo original. Conheci-o na Prússia, num trem, onde estávamos sentados lado a lado, por ocasião da minha viagem ao encontro do general e de sua comitiva; depois tornei a vê-lo na fronteira francesa e, por fim, na Suíça, ou seja, três vezes em quinze dias. Agora ele está ao meu lado, em Roulettenburg! Nunca vi homem tão tímido assim; chega às raias da estupidez. Mas é só na aparência, pois de estúpido ele não tem nada. Ademais, seus modos são encantadores e simples. Em nosso primeiro encontro na Prússia, consegui arrancar-lhe algumas palavras. Contou-me, então, que viajara no verão até o cabo Norte e que seu maior desejo era visitar a feira de Nijni Novgorod. Não sei como conheceu o general; tenho a impressão de que está loucamente apaixonado por Paulina: à sua entrada,

¹ *Utchtitel*: preceptor, professor. Mais adiante: *la babulinka*: a avozinha. Os russos de boa educação, que gostavam de incluir frases francesas nas suas conversas, davam-se ao prazer de empregar os artigos *le* e *la*, à francesa, antes de certas palavras russas. Dostoiévski teve o cuidado de conservar esse hábito em algumas passagens irônicas.

ele se tornou vermelho como um camarão. Ficou contentíssimo por me ter como vizinho à mesa e já me considerava, penso, seu íntimo amigo.

Durante o jantar, o francesinho comportou-se de maneira afrontosa: tratou a todos com revolta e sem cerimônia. Em Moscou, ao contrário, se não me falha a memória, ele teve jeito e arte de enganar a nossa gente. Falava muito sobre finanças e política russa. O general tomava, às vezes, a liberdade de o contrariar, porém com muita delicadeza e apenas o necessário para salvaguardar seu prestígio.

Eu estava irritado. Antes de chegarmos ao meio do jantar, já havia feito com os meus botões a eterna pergunta: “Por que me vejo grudado a esse general? Por que não os deixei, a ele e sua gente, há muito tempo?”. Por vezes lançava uma olhadela a Paulina Alexandrovna; ela não me dava a mínima atenção. Por fim, a cólera tomou conta de mim, e decidi deixá-la explodir.

Comecei por me meter atipicamente na conversa geral. Dei para falar alto. Procurava, sobretudo, implicar com o francesinho. Dirigi-me ao general — creio até que o interrompi — e o fiz notar que, neste verão, os russos quase não podiam fazer as suas refeições na mesa comum.² O general lançou-me um olhar admirado.

— Mesmo que uma pessoa não se respeite muito — continuei —, não faltam a ela ensejos de se sentir melindrada. Em Paris, sobre o Reno, na Suíça, as mesas dos hotéis andam cheias de polacos e francesinhos, que falam pelas tripas de Judas e não nos deixam uma pequena trégua para abrirmos a boca.

Eu falava em francês. O general continuava encarando-me cheio de espanto, não sabendo ao certo se devia zangar-se ou não.

— Quer dizer então que o senhor teve oportunidade de receber algumas lições? — questionou o francesinho, com displicente altivez.

— Em Paris, tive uma disputa com um polaco — eu lhe respondi. — Em seguida, discuti com um oficial francês que apoiava o polaco. Contudo, parte dos franceses presentes passou logo para o meu lado quando lhes contei que tive séria tentação de escarrar no café do monsenhor.

² A horas certas e a preço fixo são servidas refeições nessas mesas a todos os hóspedes que as queiram.

— Escarrar? — interrogou o general, admiradíssimo, mas com dignidade.

— Perfeitamente — confirmei. Por dois dias seguidos não me abandonou a ideia de que talvez seus negócios o levassem até Roma. Assim, pois, fui à Nunciatura Apostólica para mandar visar meu passaporte. Ali, encontrei um pequeno abade de cinquenta anos, mais ou menos, magro e glacial, que, em tom educado, porém muito ríspido, me pediu para esperar. Eu tinha pressa; contudo, sentei-me e, retirando do bolso *L'Opinion Nationale*,³ pus-me a ler um artigo que por acaso continha injúria contra a Rússia. De repente, percebi que haviam conduzido alguém, por uma peça vizinha, à presença do monsenhor; vi meu abade desfazer-se em amabilidades. Então renovei meu pedido; ele me disse outra vez, agora com maior secura, que esperasse. Ao cabo de um momento, outro recém-vindo, um austríaco, penso, foi da mesma forma conduzido sem mais delongas ao primeiro andar. Muitíssimo contrariado, dirigi-me ao abade e lhe declarei categoricamente que, uma vez que o monsenhor recebia, poderia muito bem despachar meu caso. O abade deu um passo atrás, estupefato: como um russo insignificante tinha a ousadia de comparar-se às visitas de monsenhor? Da maneira mais insolente, parecendo mesmo feliz por ter o ensejo de ofender-me, mediu-me da cabeça aos pés e exclamou: “Então o senhor está pensando que o monsenhor vai interromper seu rico cafezinho para o receber?”. A essa altura não me pude conter e berrei, mais alto ainda do que ele: “Ora! Se me der o café do monsenhor, escarro-lhe dentro! Se o senhor não resolver já o caso do passaporte, irei eu mesmo fazê-lo!”. “Como?! Mas ele está com um cardeal!”, bradou o abade, recuando espantado até a porta, onde estendeu os braços em cruz para me dar a entender que mais depressa morreria do que me daria passagem. Retorqui-lhe que, sendo *hérétique et barbare*, pouco ligava para os arcebispos, cardeais, monsenhores etc. Numa palavra, mostrei-me intratável. O abade lançou-me um olhar raivoso, arrancou-me das mãos o passaporte e levou-o ao primeiro andar. Um minuto depois ele estava visado. Querem vê-lo?⁴

³ Jornal político francês, fundado em 1859.

⁴ Passagem autobiográfica, narrada pelo autor ao seu amigo e confidente, o barão A. E. Vrangél (Tch. Vietrinski. Dostoiévski segundo sua correspondência, Moscou, 1912, p. 87).

Tirei do bolso o passaporte e exhibi o “visto” pontifical.

— Permita... — ia começando a falar o general.

— O senhor fez muito bem em declarar-se herético e bárbaro — aparteu ironicamente o francesinho. *Cela n’était pas si bête*.⁵

— Devo seguir o exemplo dos nossos patrícios que não ousam dizer duas palavras e vivem sempre prontos a renegar sua nacionalidade russa? Asseguro-lhe que em Paris, pelo menos no meu hotel, me deram muito mais atenção depois que souberam da minha briga com o abade. Um polaco gordo, de todos os hóspedes exatamente o que me testemunhava mais hostilidade, passou a considerar-me. Os franceses até permitiram que eu contasse ter visto, havia dois anos, um indivíduo contra quem, em 1812, um fuzileiro francês atirara, pelo simples prazer de descarregar sua arma. Ele era naquela época um garoto de dez anos, cuja família não tivera tempo de deixar Moscou.

— Impossível! — gritou, transtornado, o francesinho. — Os soldados franceses jamais atiram em crianças!

— Entretanto — repliquei eu —, é a verdade nua e crua. Soube do fato por um honrado capitão reformado e pude ver a cicatriz no rosto da vítima.

O francês pôs-se a falar cheio de volubilidade. O general pretendeu apoiá-lo, mas fui logo recomendando-lhe que desse uma olhada, por exemplo, nas memórias do general Perovski,⁶ prisioneiro dos franceses em 1812. Afinal, para desviar o assunto, Maria Filipóvna falou de outra coisa. O general mostrava-se muito descontente comigo, pois o francês e eu, a essa altura, falávamos aos berros. Em compensação, nossa contenda parecia agradar sobremaneira Mister Astley: este, ao nos levantarmos da mesa, convidou-me para tomar um copo de vinho em sua companhia.

À noite, pude dar um passeio com Paulina Alexandrovna e ter com ela um colóquio de um quarto de hora. Todos tinham ido ao cassino, pelo

⁵ Isso não foi tão bobo.

⁶ O general conde Vassili Vassilievich Perovski (1794–1857), prisioneiro dos franceses após a batalha de Borodino, deixou interessantes memórias sobre seu cativeiro. Na época em que Dostoiévski escrevia *O jogador*, acabavam de ser publicadas na revista *Os Arquivos Russos* (*Rousskii Arkhiv*, 1865, n.º 3).

parque. Paulina sentou-se num banco em frente ao chafariz e permitiu a Nadia que fosse brincar por perto com algumas companheirinhas. Deixei Miguel ir também, e ficamos a sós.

A princípio, falamos de negócios. Paulina aborreceu-se muito ao ver que eu só lhe entregava setecentos florins. Estava persuadida de que em Paris eu tinha podido empenhar seus brilhantes por dois mil florins ou até mais.

— Preciso desse dinheiro, custe o que custar — declarou-me ela —; senão, estarei perdida.

Perguntei-lhe o que havia sucedido na minha ausência.

— Absolutamente nada, a não ser duas notícias que recebemos de São Petersburgo: primeiro, que minha avó se achava gravemente enferma; em seguida, dois dias depois, que ela estava morta. Essa última informação recebemos de Timóteo Petrovich, que é considerado um informante muito confiável — acrescentou Paulina. — No entanto, aguardamos confirmação definitiva.

— Assim, estão todos à espera?

— Sim, todos; há seis meses que essa é a única esperança.

— E você, você também espera? — perguntei.

— Mas eu não sou parente, sou apenas enteada do general. Sei, porém, que ela não se esquecerá de mim no testamento.

— Quer me parecer que você herdará uma boa fortuna — disse-lhe, confiante.

— Sim, ela me estimava muito; mas por que pensa assim?

— Ah! diga-me uma coisa — repliquei, interrogando-a por minha vez —, o nosso marquês⁷ me dá a impressão de estar também sabendo de todos esses segredos de família, não é?

— Que interesse tem isso para você? — retrucou Paulina com um olhar severo.

— Se não me engano, o general já encontrou meios e modos de lhe arrancar dinheiro emprestado, não é?

— Você é um bom adivinho.

⁷ Atrás, Dostoiévski deu-lhe o título de conde. É um detalhe pelo qual se vê a pressa com que foi feita esta obra.

— E você pensa que, se ele não soubesse do estado da *babulinka*, nos teria emprestado dinheiro? Você notou que durante o jantar, quando se referia à avó, ele três vezes a chamou de *babulinka*? Que comovente familiaridade!

— Você tem razão! Quando ele souber que também eu vou herdar, pedirá logo minha mão. E o que você quer saber?

— Pensava que isso estava resolvido há muito tempo.

— Você sabe muito bem que não! — respondeu Paulina, com impaciência. Onde foi que você encontrou esse inglês? — continuou ela, após um minuto de silêncio.

— Tinha certeza de que você ia perguntar isso.

Descrevi-lhe meus encontros anteriores com Mister Astley.

— Ele é tímido e se deixa constranger facilmente — acrescentei —; e sem dúvida já deve estar apaixonado por você, hein?

— Sim, apaixonou-se por mim — confessou Paulina.

— Ele é dez vezes mais rico do que o francês. Mas esse terá fortuna de verdade? Tem certeza?

— Certeza pleníssima! Possui um *château*.⁸ Ainda ontem o general falou sobre isso. Está contente?

— No seu lugar, eu não hesitaria em casar-me com o inglês.

— Por quê? — indagou Paulina.

— O francês é mais bonito, porém é um tipo ordinário; quanto ao inglês, além de ser um homem honesto, é dez vezes mais rico.

— Sim, mas o francês, além do título de marquês, é mais inteligente — objetou ela, com o ar mais calmo deste mundo.

— Será mesmo verdade? — insisti no mesmo tom.

— A verdade mais evidente.

Minhas perguntas desagradavam profundamente a Paulina; compreendi que ela desejava irritar-me com o tom ausente de suas respostas. Transmiti-lhe na mesma hora esse meu pensamento.

⁸ Castelo.

— Que quer você? Divirto-me tanto vendo-o furioso! Ademais, o simples fato de eu aguentar suas perguntas e suas conjecturas já me dá direito a uma compensação.

— Se me dou o direito de lhe fazer perguntas de toda espécie — repliquei tranquilo —, é justamente porque me sinto disposto a lhe dar toda e qualquer compensação. Aliás, a vida no presente momento nada vale para mim...

Paulina deu uma gargalhada.

— A última vez que subimos o Schlangenberg, você declarou que estava pronto a jogar-se no precipício de cabeça para baixo, ao primeiro sinal meu; e ele devia ter seguramente mil pés de profundidade. Há de chegar o dia em que lhe darei essa ordem só para ver como é que você obedece... e se você é de boa índole. Odeio-o porque tomou demasiada liberdade comigo e, da mesma forma, porque preciso de seus serviços. Mas não se impressione, irei mantê-lo por perto apenas enquanto precisar de você.

Ela ia levantar-se. A voz estava irritada. Fazia algum tempo que ela terminava invariavelmente nossas entrevistas nesse tom de desespero, de animosidade. Sim, eis a palavra: animosidade.

— Consinta-me mais esta pergunta: quem é Mademoiselle Blanche? — disse-lhe eu, para não a deixar partir sem termos uma explicação.

— Ora, você sabe muito bem quem é. Não sucedeu nada de novo aqui desde que você se ausentou. Mademoiselle Blanche será, na certa, a senhora general; caso se confirme o boato da morte da avó, pois Mademoiselle Blanche, tanto como sua mãe e o marquês, seu primo, não ignora coisa alguma sobre a nossa ruína.

— E o general? Está loucamente apaixonado?

— Agora não se trata disso. Ouça: eis setecentos florins; tome-os e vá jogá-los à roleta. Trate de ganhar para mim o máximo de dinheiro possível. Preciso disso.

Dizendo isso, chamou Nadenka⁹ e foi se juntar ao resto do grupo, perto do cassino. Então eu tomei o primeiro atalho à esquerda e dei livre curso à minha estupefação. Sua ordem de ir jogar na roleta produziu em

⁹ Nadenka, o mesmo que Nadia, são diminutivos de Nadejda (Esperança).

mim o efeito duma bastonada em pleno crânio. Coisa estranha: tinha tanta preocupação me enchendo a cabeça e precisamente agora é que consumia o tempo analisando meus sentimentos para com Paulina.

Para dizer a verdade, durante esses quinze dias de ausência, tive o coração mais desafogado do que hoje, dia de minha volta. Todavia, na viagem, tinha a sensação de um homem a quem falta o ar, torturava-me uma angústia louca, via Paulina a todos os instantes em sonho.

Certa vez, passou-se na Suíça o fato, adormeci num vagão e comecei a falar, parece que em alta voz, com Paulina. Creio que foram os risos dos meus vizinhos que me despertaram.

E de novo perguntei de mim para mim: “Será que a amo?”, e mais uma vez fiquei sem saber que resposta dar, ou antes, pela centésima vez, respondi comigo que a odiava. Sim, odiava-a! Tem havido momentos (ao terminarem as nossas entrevistas) em que daria metade de minha vida para poder estrangulá-la! Juro, se me tivesse sido possível enfiar-lhe lentamente um punhal no peito, creio que já o teria feito com prazer. Contudo, afirmo-o, por minha honra, no Schlangenberg, a montanha da moda, se ela tivesse me dito de verdade: “Atire-se lá embaixo!”, eu me teria atirado no mesmo instante, e até com muito gosto. Eu o sabia. De um modo ou de outro, essa crise deve passar. Ela percebe muito bem tudo quanto se passa dentro de mim. E sente extraordinário prazer em verificar que eu tenho plena consciência de que ela me escapa, de que não serei capaz de realizar os meus caprichos. Tenho absoluta certeza: do contrário, teria podido ela, prudente e criteriosa como é, mostrar-se tão familiar, tão franca comigo? Tenho a impressão de que Paulina até agora me tem considerado como aquela antiga imperatriz que ficava nua diante do escravo, porque não o via como homem. Sim, inúmeras vezes, ela não me tem julgado um homem...

Todavia, acabava de me encarregar de uma missão: ganhar na roleta, a qualquer preço. Não tive sequer o tempo de lhe perguntar por que motivo precisava ganhar nem que considerações de nova ordem haviam brotado naquele cérebro sempre alerta. Ademais, durante esses quinze dias, sobreveio evidentemente uma série de acontecimentos, que eu não pudera ainda compreender. Era necessário elucidar tudo isso, pôr tudo às claras, e quanto mais cedo, melhor. Mas, no momento, não tinha tempo para pensar: devia ir à roleta.